UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E/OU CURSO DE GRADUAÇÃO

CLEUDIELY DA SILVA RODRIGUES

AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NA VIDA ADULTA: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS ARRAIANAS

Arraias, TO

2025

Cleudiely da Silva Rodrigues

As consequências do abuso sexual infantil na vida adulta: narrativas de mulheres negras arraianas

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Arraias para obtenção do título de licenciada em pedagogia.

Orientador (a): Drª. Lenilda Damasceno Perpetuo

Arraias, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586c Silva Rodrigues, Cleudiely da.

As consequências do abuso sexual infantil na vida adulta: narrativas de mulheres negras arraianas. / Cleudiely da Silva Rodrigues. – Arraias, TO, 2025.

48 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientadora : Profa. Dra Lenilda Damasceno Perpétuo

1. Abuso sexual. 2. Infância. 3. Patriarcado. 4. Sistema de opressão e mulheres negras. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cleudiely da Silva Rodrigues

As consequências do abuso sexual infantil na vida adulta: narrativas de mulheres negras arraianas

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, curso de pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagogo (a) e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: _____ / _____ / ___

Banca Examinadora

_____

Profa. Dra Lenilda Damasceno Perpétuo (Orientadora) UFT Campus Arraias TO

_____

Profa. Dra Elisabete da Silveira Ribeiro UFT Campus Arraias TO

_____

Profa. Dra Luciana Pereira de Sousa UFT Campus Arraias TO

Dedico este trabalho, primeiramente, a mim mesma, pela minha dedicação e esforço. Aos meus amigos/as pela motivação, à minha família pelo apoio, às mulheres que participaram, para todas e todos que se identificarem com o tema, expresso também minha gratidão. Dedico, ainda, a todo o corpo docente da Universidade Federal do Tocantins UFT, que contribuiu para minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me fornecer força, coragem, sabedoria e por iluminar meu caminho. Agradeço pela vida, saúde, oportunidades e gratidão por me ajudar a superar os obstáculos da vida.

A minha magnífica orientadora, professora Drª. Lenilda Damasceno Perpetuo, pela paciência e dedicação. Expresso minha profunda gratidão por acreditar no meu potencial e por ter se comprometido a me guiar nesse processo de formação.

A professora Drª. Elisabete da Silveira Ribeiro, pela inspiração desse tema, pelos incentivos, pelos materiais de pesquisa bibliográfica disponibilizados e pelas discussões pertinentes acerca do tema.

A minha família, pelo apoio, compreensão e amor incondicional. Vocês foram minha base; cada conquista que conquistei até aqui, foi fruto do carinho e confiança de cada um de vocês.

A minha mãe, meu eterno carinho, suporte e apoio. Sou imensamente grata pelo pela paciência, amor, sua força e sabedoria que me inspira sempre. Obrigada por acreditar em mim e por ser minha maior inspiração.

A Instituição Federal do Tocantins, pela oportunidade, suporte financeiro, disponibilização dos espaços para a realização da pesquisa e os recursos oferecidos.

Aos meus avós, pelo apoio, carinho e consideração. Sou imensamente grata pelo suporte financeiro e pela moradia de quando cheguei à cidade e por apoiar meu processo de formação.

Aos meus colegas de curso, por contribuírem para a construção de pensamentos reflexivos e por todos os momentos de alegria, diversão e aprendizado.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores que, ao longo da minha trajetória, contribuíram para minha formação com seus conhecimentos. Obrigado por cada aula, cada projeto, cada desafio, cada ensinamentos e cada oportunidade que foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional.

A equipe de limpeza, que proporcionou um ambiente limpo e organizado, merece meus sinceros agradecimentos pelo cuidado e zelo do espaço da universidade, tornando-o agradável e propício para o nosso aprendizado.

Agradeço a todo corpo administrativo pelo apoio nas questões organizacionais, atendimentos, colaboração ao longo desta jornada.

A Jeanny da Costa Alves e ao Ronaldo Soares, por me acolher em sua família, pelo carinho, pela oportunidade e pela confiança. Meus sinceros agradecimentos, que Deus ilumine os passos de vocês e da sua família.

Agradeço a cada mulher que participou da construção deste trabalho. Sou imensamente grata pela participação de cada uma de vocês, pela disponibilidade e apoio na construção deste trabalho.

Agradeço à banca examinadora pela disponibilidade, contribuições e considerações que me ajudaram a aperfeiçoar este estudo.

A todas as minhas ancestrais que lutaram em seus tempos/espaços para que outras mulheres conseguissem chegar até aqui e conquistar espaços de construção de conhecimentos. Minha eterna GRATIDÃO.

RESUMO

Este trabalho intitulado As consequências do abuso sexual infantil na vida adulta: narrativas de mulheres negras arraianas, traz à tona questões relativas ao abuso sexual na infância e seus desdobramentos na vida adulta de mulheres negras que vivenciam, em seus cotidianos, situações de violência marcadas e relacionadas ao patriarcado e às interserccionalidade que são presenciadas em um sistema opressor. Considerando como problema de pesquisa o questionamento: de que maneira o abuso sexual infantil afeta as vidas de mulheres negras arraianas em seus percursos de vida? O objetivo geral deste trabalho é analisar como as mulheres vítimas de abuso sexual infantil lidam com essa situação durante seus processos que atravessam de sobremaneira suas vidas. Tendo como objetivos específicos: investigar o percurso histórico das mulheres negras no Brasil; identificar os elementos que sustentam o patriarcado e o machismo no município de Arraias/TO; pesquisar as mulheres no município de Arraias/TO que tenham sofrido abuso sexual infantil, seus enfrentamentos diários e as mudanças que ocorreram na vida dessas mulheres após o abuso; bem como, identificar o grau de parentesco que os autores/agressores se encontram. Utilizamos metodologia qualitativa com narrativas de mulheres negras.

Palavras-chaves: Abuso sexual; Infância; Patriarcado; Sistema de opressão e mulheres negras

ABSTRACT

This work entitled The consequences of childhood sexual abuse in adult life: narratives of black women from Arraianas, brings to light issues related to sexual abuse in childhood and its consequences in the adult lives of black women who experience, in their daily lives, situations of violence marked and related to patriarchy and intersectionality that are witnessed in an oppressive system. Considering the question as a research problem: how does child sexual abuse affect the lives of black Arraiana women in their life paths? The general objective of this work is to analyze how women victims of child sexual abuse deal with this situation during the processes that greatly affect their lives. With specific objectives: to investigate the historical path of black women in Brazil; identify the elements that support patriarchy and machismo in the municipality of Arraias/TO; research women in the municipality of Arraias/TO who suffered child sexual abuse, their daily confrontations and the changes that occurred in the lives of these women after the abuse; as well as identifying the degree of kinship between the perpetrators/aggressors. We used qualitative methodology with narratives from black women.

Keywords: Sexual abuse; childhood; patriarchy; system of oppression and black women.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Gráfico 01**:** Em algum momento da infância, tentaram contar para alguém o que aconteceu?.....43

Figura 2 - Gráfico 02**:** Grau de parentesco ou proximidade do agressor?.....43

Figura 3 - Gráfico 03: Acreditam que o abuso sexual infantil afetou suas capacidades de construir relacionamentos interpessoais saudáveis na vida adulta?...44

Figura 4 - Gráfico 04: Houve momentos em que conseguiram ou tentaram buscar ajuda? De onde veio esse apoio (ex: família, amigos, terapia)?.....45

Figura 5 - Nuvem de palavras construída a partir do sentimento de mulheres vítimas de abuso sexual 45

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Características das respondentes……...36
Tabela 02: Faixa etária……..……...37
Tabela 03: Idade que ocorreu o abuso na vida das pesquisadas……...37
Tabela 04: Como foi a experiência do abuso sofrido na infância? 38
Tabela 05: As memórias voltaram? Como lidaram com elas?.....38
Tabela 06: Buscaram ajuda profissional?.....39
Tabela 07: Houve tentativas do agressor de manter segredo ou manipular para não relatassem a ninguém?.....40
Tabela 08: Como diriam que a experiência do abuso influenciou sua trajetória pessoal e profissional?.....40
Tabela 09: De que forma acreditam que a educação pode ajudar mulheres que sofreram abuso sexual na infância a lidar com os impactos dessa experiência e encontrar caminhos para superação?.....41
Tabela 10: Qual mensagem gostariam de deixar para outras mulheres que passaram por experiências semelhantes?.....42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFT - Universidade Federal do Tocantins

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TO - Tocantins

UDN - União Democrática Nacional

PSD - Partido Social Domocrático

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**15**
2	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**	**16**
2.1	**Percurso histórico das mulheres negras no brasil**	**16**
2.2	**Elementos que sustentam o patriarcado no brasil e no município de Arraias**	**20**
2.3	**Infâncias interrompidas pelo abuso sexual**	**22**
2.4	**Impactos do abuso sexual na vida de mulheres negras no município de Arraias-TO**	**27**
2.5	**O papel da educação na reflexão acerca da prevenção de abusos sexuais**	**30**
3	**METODOLOGIA**	**33**
3.1	**Percurso metodológico**	**35**
3.2	**Sujeitas pesquisadas**	**36**
4	**RESULTADOS E DISCUSSÕES**	**38**
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**46**
	REFERÊNCIAS	**48**

Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo[1]

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: Poemas de recordação e outros movimentos, 3.ed., p. 24-25)

[1] Conceição Evaristo é uma escritora, poetisa e pesquisadora brasileira, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. Ela é considerada uma das principais vozes da literatura contemporânea brasileira, teve uma infância e adolescência marcadas pela miséria. Trabalhou como empregada doméstica, babá e faxineira.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das inquietações da pesquisadora, que é uma mulher negra, terceira filha de lavradores com pouca escolarização, quilombola da comunidade Kalunga do Mimoso, no interior do Tocantins, moradora do município de Arraias-TO. Assim como a maioria das mulheres negras brasileiras, sente e vivencia em seu cotidiano os efeitos do patriarcado dentro de um sistema opressor racista, machista e misógino, que reforça os estereótipos acerca do papel submisso da mulher na sociedade contemporânea.

Com o tema "As consequências do abuso sexual infantil na vida adulta: narrativas de mulheres negras arraianas". Considerando como problema de pesquisa o questionamento: **de que maneira o abuso sexual infantil afeta as vidas de mulheres negras arraianas em seus percursos de vida?** O objetivo geral deste trabalho é analisar como as mulheres vítimas de abuso sexual infantil lidam com essa situação durante os seus processos de vida.

Tendo como objetivos específicos: I) investigar o percurso histórico das mulheres negras no Brasil; II) identificar os elementos que sustentam o patriarcado e o machismo no município de Arraias/TO; III) pesquisar as mulheres no município de Arraias/TO que tenham sofrido abuso sexual infantil e seus enfrentamentos diários, bem como as mudanças que ocorreram na vida dessas mulheres após o abuso; IV) identificar o grau de parentesco que os autores/agressores se encontram.

Esta pesquisa mostra-se relevante, pois é uma pauta de bastante discussão na sociedade contemporânea. É necessário abrirmos espaços para que as mulheres vítimas de abusos sexuais na infância tomem a iniciativa para compartilhar e denunciar esse acontecimento trágico de suas vidas, além de tentar compreender os seus desdobramentos e refletir até que ponto essas violações podem afetar a vida sexual, mental, física e intelectual dessas mulheres.

O texto está organizado da seguinte forma: no primeiro item, a introdução, apresentamos o tema da pesquisa, a problemática, o objetivo geral e os específicos, juntamente com a justificativa. Na fundamentação teórica, trouxemos autores que contribuíram para construção e sustentação dos argumentos, sendo encontrada no capítulo 2, onde abordamos no primeiro tópico, o percurso histórico das mulheres negras no Brasil; no segundo, os elementos que sustentam o patriarcado no Brasil e no município de Arraias-TO; no terceiro, infâncias interrompidas pelo abuso sexual; no quarto tópico, os impactos do abuso

sexual na vida de mulheres negras no município de Arraias - TO; e, no último tópico, abordamos o papel da educação na reflexão acerca da prevenção de abusos sexuais.

No capítulo 3, abordamos a metodologia, as características do trabalho e, juntamente com os tópicos, as descrições das sujeitas pesquisadas. No capítulo 4, apresentamos os resultados e discussões, e concluímos com as considerações finais e referências. Contamos com a participação e as narrativas de 6 mulheres negras de diferentes idades para os estudos de casos e da experiências de abusos na infância dessas mulheres e por fim seus desdobramentos em seus percursos de vida.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Percurso Histórico das Mulheres Negras no Brasil

> *Ao contrário do que fomos ensinados a pensar, o sofrimento desnecessário e não escolhido nos machuca, mas não precisa nos ferir por toda a vida.*
>
> bell hooks (2013)

A mulher negra sempre teve seu corpo reconhecido como instrumento sexual para satisfazer homens brancos. Segundo hooks (2017, p.133) “As brancas continuaram encarando as negras como concorrentes sexuais, ignorando as agressões e abusos sexuais das negras pelos homens brancos”. As violações dos direitos das mulheres negras que ocorrem no município de Arraias e também no mundo todo são o efeito do patriarcado[2] [3]impregnado desde a época de colonização, quando os navios negreiros saíram da África com destino ao Brasil. No processo de colonização, as mulheres negras retiradas de suas terras viviam em completo cárcere e escravidão. Além disso, tinham que manter relações sexuais com seus senhores, cuidar de todas as atividades domésticas e ainda amamentar os filhos de suas senhoras.

Havia uma disputa muito grande entre mulheres brancas e negras, pois até as brancas que eram plebeias se sentiam superiores às mulheres negras e não se incomodavam com os maus-tratos que essas mulheres viviam. O termo “prostituta” era empregado às mulheres negras, pois eram vistas como objetos sexuais dos homens e até mesmo expostas ao público, e

[2] O patriarcado é um sistema social que visa colocar o homem como superior às mulheres e, consequentemente, resulta desigualdade de gênero, contribui para a violência contra mulheres e reforça o pensamento machista e racista. (Viana e Costa, 2024.)

[3] O mundo patriarcal necessita da glória masculina sobre os outros e outras para viver e necessita da dominação e da ocultação histórica das mulheres para se manter de pé. (Gebara, 2022, p.31).

não serviriam para serem esposas com as regalias de uma madame (bell hooks, 2017). Ressaltamos que, ainda no século XXI, há vestígios desse preconceito e que, muitas vezes, as negras que têm relações conjugais com homens brancos são constrangidas da pior maneira possível.

Para tanto dialogamos com bell hooks (2017, p.128) que afirma que “assim, em certa medida, os privilégios de raça e classe [4]das mulheres brancas eram reforçados pela manutenção de um sistema em que as negras eram objetos de sujeição e abuso por parte dos homens brancos”. A solidão de uma mulher negra era explícita, não havia pessoas em quem confiar, as próprias mulheres brancas as maltratavam, colocando-as em tronco para levar chicotadas, com intuito de demonstrarem poder sobre aquelas mulheres negras.

A dita “abolição da escravatura" no Brasil, um marco histórico que ocorreu em 13 de maio de 1888, oficializou o fim do regime escravocrata no país. Dessa forma, foi instituída a lei Áurea, assinada por Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança, conhecida também como princesa Isabel. Esse acontecimento foi um movimento de luta e resistência dos negros pela garantia dos direitos básicos; foi um processo árduo, de muita luta, dor e sofrimento.

Por outro lado, mesmo com o suposto fim da escravidão no país, não houve a reparação, nem mesmo a garantia de inclusão das pessoas escravizadas na sociedade e muito menos a garantia do acesso aos direitos sociais, fundamentais e nem mesmo a igualdade. Ou seja, não houve justiça social. Os recém libertos, analfabetos, subalternos e sem o apoio dos Estados, ficaram marginalizados [5]e trabalhando em empregos com situações precárias e de baixa remuneração. Dentre esses serviços, o doméstico, que ainda em situação de escravidão era ocupado por mulheres negras, após a abolição até os dias atuais, é um serviço prestado, onde majoritariamente são ocupados por mulheres negras de baixa renda. A escravidão naquele formato chegou ao fim, mas os serviços ainda são ocupados pelas mesmas, segundo a perspectiva de Tahinan

> Com o fim da escravidão no Brasil, muitos negros foram expulsos das fazendas e ficaram sem ter onde morar, muito menos como sobreviver. Grande parte desses negros foram viver nos morros e periferias que hoje conhecemos como favelas. Sem emprego e com moradias indignas, iniciou-se o que hoje conhecemos como o processo de criminalização do negro. Sem educação, infraestrutura, saúde e moradia, o que resta a essa população são poucas opções de sobrevivência (Santos, 2019, p.49).

[4] HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

[5] A população marginal é aquela constituída pelos que se encontram em situação de desemprego, subemprego ou pobreza. A operacionalização destes termos está também sujeita a controvérsias. (Coelho, 1978, p.140).

Nesses aspectos, a mulher negra ocupava o serviço de doméstica e que muitas vezes sofriam os diversos tipos de abusos e maus tratos de quando eram escravizadas. A dificuldade de adentrar na sociedade e ser reconhecida também foi um dos momentos árduos dessas mulheres, pois a garantia de liberdade não assegurou a igualdade e a oportunidade para os negros. Neste contexto e nos contextos atuais, ser mulher era e é um lugar de diversas restrições e desigualdade, mas ser mulher, negra e de baixa renda era uma posição desafiadora para a sobrevivência.

Porém, as mulheres negras foram sendo empurradas desde a abolição da escravatura para trabalhos inferiores e subalternos. A mulher, como um todo, sempre foi vista como uma categoria inferior e no lugar de submissão e subordinação, devendo ser sujeita dos prazeres e tutelada pelos homens. No entanto, em uma sociedade onde você é mulher negra e pobre, a situação é ainda mais delicada. Com a falta de condições financeiras, muitas famílias mandavam suas filhas mais novas e inocentes para trabalharem nas casas dos mais nobres, onde ocorriam abusos sexuais praticados por parte dos patrões e dos filhos dos mesmos. Aliciavam, estupravam e, quando elas engravidavam, expulsavam-nas, mandavam-nas abortar e até mesmo ameaçavam suas vidas e de seus familiares.

Tanto na época da colonização até chegarmos aos dias atuais, as mulheres negras sempre tiveram seus corpos submetidos e desvalorizados, sendo vítimas das diversas violências, do racismo, da vulnerabilidade e do desrespeito. A luta pelo reconhecimento, valorização e igualdade de oportunidades é constante, haja vista que a população negra é a maioria. Segundo o Censo de 2022 do IBGE, 55,5% da população no Brasil é predominantemente negra. No entanto, em termos de lugar de fala e de poder, essa representatividade é ineficiente. Em diálogo com a autora Ribeiro (2017, p.22) afirma que "existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem." Desse modo, a sociedade ainda enxerga o corpo da mulher ainda a partir de uma perspectiva colonial.

Portanto, ao falarmos sobre os percursos históricos das mulheres negras no Brasil, é importante destacar que, após a abolição da escravatura, houve movimentos e marchas das mulheres negras, tendo como principais pontos a busca pela igualdade salarial, a inserção

dentro da sociedade, melhorias na qualidade de trabalho, o combate ao racismo[6] e ao sexismo[7], e a garantia dos direitos básicos e fundamentais, dentre outros pontos pelos quais as mulheres negras em seus percursos lutaram para garantir seus direitos.

Diversas autoras negras, como Lélia González, Djamila Ribeiro, Ângela Davis, entre outras, articulam sobre os processos vivenciados pelas mulheres negras e destacam ainda as inúmeras opressões e discriminações. Uma mulher pode estar inserida em vários grupos de vulnerabilidade e opressão; a partir de então, cria-se o termo intersecção das desigualdade de raça, classe e gênero articulado pela autora Kimberlé Crenshaw. Segundo a autora, isso nos leva a refletir que

> Portanto, vou falar sobre algumas colisões que afetam as mulheres negras. A primeira delas é a discriminação contra grupos específicos e, quando falamos da discriminação contra grupos específicos, estamos falando sobre um tipo de discriminação que procura mulheres específicas que são intersecionais. (Crenshaw, 2002, p.12)

A autora nos aponta que as questões relativas à interseção estão diretamente relacionadas com os grupos específicos nas categorias raça, classe e gênero. Conforme a Crenshaw (2002) "historicamente, o estupro era considerado um crime racial nos Estados Unidos. Em outras palavras, um processo por estupro podia ser anulado se não ficasse provado que a vítima era branca." Tendo em vista que os abusos praticados em vítimas de "cor" não eram considerados crimes, simplesmente por se tratar de uma vítima mulher de pele preta. Embora isso seja visto como uma situação absurda, no Brasil, essa concepção ainda está presente, mas é algo que não é explícito, mas atravessa de sobremaneira os corpos e as vidas das mulheres negras.

Portanto, na generalidade, os crimes de estupro que têm como vítimas mulheres negras são desqualificados e julgados por suas vestimentas e pelo que realizavam no momento dessa transgressão. Crenshaw (2002) diz que os casos de estupros de mulheres afro-americanas que foram levados a julgamentos não foram levados a sério e muito raramente resultaram em condenação. Além disso, quando o agressor é apreendido, a pena é inferior à do agressor de uma mulher branca. A autora enfatiza que as categorias de raça e gênero de uma pessoa valem mais do que as feridas e determinam se devem prevalecer sua veracidade ou sua falsidade.

---

[6] O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre "pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição" (Almeida, 2019, p.33).

[7] O sexismo corresponde a ideias de inferioridade e superioridade referentes ao sexo, ocorre a expressão a nível social de julgamentos referentes àqueles considerados inferiores, e o incentivo àqueles que são tidos como superiores. Assim, os aspectos femininos são, por vezes, ironizados, e os masculinos, como força e virilidade, são enaltecidos como sinais de superioridade. (Souza, 2016, p. 07)

Em razão disso, a mulher negra é alvo de diversas interseccionalidades, pois há uma ideia de que há uma diferença entre a pessoa boa e a pessoa má, e, sem dúvidas, a pessoa negra é vista como a má da história. Por consequência, Crenshaw (2002) afirma que "isso é um produto de uma interseção." Portanto, é um conjunto de opressões que as mulheres negras estão sujeitas a experienciar; isso é frutos do racismo e do machismo estrutural que permeiam a vida desses grupos interseccionados.

2.2 Elementos que Sustentam o Patriarcado no Brasil e no Município de Arraias.

> *Nós reproduzimos o patriarcado entranhado em nós, isso já sabemos. A pergunta é: a quem interessa desconfiarmos umas das outras, uma vez que, sem a confiança, não há aliança política?*
>
> Débora Diniz (2022)

O patriarcado ainda está impregnado e normalizado na sociedade contemporânea, visto como uma forma de poder sobre as mulheres, e esse poder nos maltrata, nos mata, objetifica nossos corpos e nos inferioriza. Com base nos argumentos de Diniz e Gebara (2022, p.5) "tristemente, é um regime de poder, hierarquizante e excludente, que, com diferentes intensidades, todos nós reproduzimos. É preciso assombrar- se para distanciar-se do patriarcado e de suas tramas perversas, como o capacitismo, o classismo ou o racismo"[8].

Na hierarquia do patriarcado, o poder de fala é exclusivo para algumas classes sociais, onde só falam e só ouvem quem têm importância dentro dessa hierarquia. A mulher não tem esse poder de fala e acaba sendo perseguida. Segundo Gebara (2022, p.12) "O patriarcado impõe domínio ao lançar palavras de ordem e ao impor sua forma seletiva de audição". Essa audição seletiva não está voltada para a fala da mulher; é subordinada a ouvir somente palavras de ordem e poder. As mulheres são silenciadas de todas as formas, inclusive no trabalho, em roda de conversa entre amigos, em espaços de poder, em atos de violência, e são obrigadas a passarem por situações desumanas e humilhantes que afetam diretamente sua integridade física e psíquica.

Em outras palavras, o patriarcado é um sistema opressor onde o homem é o principal sujeito de poder; portanto, é um sistema de subordinação e qualificação de violências. Nas

[8] Na concepção de Almeida (2019) o racismo individual consiste nas ações de indivíduos brancos contras indivíduos negros. É o ato de discriminação (ofensas, violência, injúria racial) cometida por um indivíduo a outra pessoas.

relações intrafamiliares, as mulheres necessariamente seriam as sujeitas subordinadas aos homens; nesta relação, é o “chefe” o provedor. Conforme Viana e Costa (2024) “dentro desse contexto, as mulheres são tratadas como propriedades dos homens, limitadas ao papel de objetos de satisfação sexual e reprodutiva, sem autonomia sobre suas vontades.”

Por consequência, a mulher era vista somente como a cuidadora do lar, mães, e serviam somente para cuidar do lar. Evidentemente, as relações sociais e a percepção da mulher sobre seu lugar no mundo mudaram, mas os estereótipos empregados à mulher continuam, e a luta pela igualdade também. Por conseguinte, movimentos feministas foram criados para a garantia dos seus direitos. Em diálogo com Viana e Costa (2024) que afirma que “o machismo, por sua vez, se manifesta por meio de atitudes e opiniões que negam a igualdade de direitos entre homens e mulheres, favorecendo o sexo masculino.”

Com os movimentos feministas pela luta de igualdade, afetam diretamente as relações de poder e a estrutura composta majoritariamente por homens. No contexto social e cultural do município de Arraias, os vestígios do patriarcado ainda são visíveis, em diálogo com Costa (2008, p.26) que diz que “pela utilização da obrigação de reciprocidade, do prestígio das linhagens e do espaço sagrado.” Essa obrigação de reciprocidade está ligada a favores e à dependência que o dominador impõe ao dominado, que, de algum modo, garante proteção e recursos, que aparentemente seriam uma troca igual, mas isso só favorece os dominadores e faz com que os dominados subalternos fiquem submissos a eles.

Em relação aos prestígios de linhagens, estão ligadas às famílias de poder que, de algum modo, constituíam a cidade durante sua construção e que detém de um poder que é trazido de geração em geração. São famílias que têm domínio sobre uma parte significativa da cidade e que estão em lugar de privilégio e dominação. Em relação às questões do espaço sagrado, estão relacionadas às questões religiosas que, consequentemente, configuram um espaço que pretende manter a ordem social e a obediência. Portanto, essas posturas contribuem para a manutenção do sistema opressor, permitindo que o dominador permaneça com seus privilégios.

Em diálogo com Magda Costa (2008) ela reforça que, na cidade de Arraias, os partidos políticos que predominavam a cidade eram a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD), e os representantes partidários eram constituídos por coronéis que, quando eleitos, tinham total poder sobre a população e usufruíam do lugar de privilégio para alimentar seus recursos e fortalecer o nome de suas famílias. Com a forte influência da política na cidade de Arraias-TO, isso possibilitou que grandes famílias se

mantivessem no poder por longos períodos, controlando e monitorando as vidas dos cidadãos da cidade.

Por consequência, essas famílias têm um privilégio significativo na cidade, mas agora não é tão forte como antes. Com a civilização, novas oportunidades surgiram em Arraias, mas é notável que grande parte dos jovens não permanece na cidade; eles procuram se instalar em capitais, e grande parte das praças e ruas da cidade têm nomes de homens, e majoritariamente em homenagens a políticos e coronéis. Os espaços institucionais e estatais do município de Arraias se centralizam no centro da cidade e são próximos uns dos outros, como, por exemplo, o Banco do Brasil, a câmara dos vereadores, a igreja matriz e a polícia civil, o que configura espaços de poder e controle social.

2.3 Infâncias Interrompidas pelo Abuso Sexual

> *Quanto mais por dentro do assunto e à vontade os professores e pais estiverem, mais fácil será para eles entenderem e conversarem abertamente com as crianças sobre o desenvolvimento sexual.*
>
> Christiane Sanderson (2005)

Segundo a autora, teórica e grande estudiosa do assunto de abuso sexual na infância, é crucial que os pais e professores estejam atentos, capacitados e que fortaleçam a proteção contra as violências acerca de abusos, explorações e a problemática da pedofilia no Brasil, pois esses são elementos super importantes para o reconhecimento da violência e distinguir desenvolvimento cognitivo e biológico dentro da normalidade da infância.

De acordo com o Ministério da Saúde, no boletim epidemiológico (2024, p.01) “a violência sexual contra crianças e adolescentes configura-se como um agravo de natureza sociocultural compreendido a partir de diferentes dimensões e que se expressa nas relações sociais de classe, gênero e de raça/cor e suas interseccionalidades.” É considerado um caso de saúde pública que o Estado e a comunidade deveriam combater em coletividade (trabalho em rede de apoio) para a diminuição desses casos.

Por conseguinte, o abuso sexual infantil é considerado um problema grave, a família e as escolas são instituições que têm papel fundamental no enfretamento e na formação do ser social da crianças, mas não oferecem uma rede de apoio confiável e segura. Segundo os dispositivos legais, a Lei N° 9.970, de maio de 2000, instituiu o dia 17 de maio como o Dia

Nacional do Combate à Exploração Sexual e ao Abuso de Crianças e Adolescentes. Segundo o site do Governo do Tocantins (2020), diz que

> Segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), no ano de 2019, foram notificados 1.492 casos de violências contra adolescentes no Tocantins, sendo 466 correspondentes à violência sexual. Já neste ano, até o mês agosto, dos 759 casos de violências notificados, 269 são referentes à violência sexual. (Brasil,2020).

Essas informações são relevantes para tratarmos essas questões com o devido rigor e seriedade que este assunto precisa. Diante disso, daremos atenção à explicação do que é o abuso sexual e suas consequências para a vida das vítimas. Existem vários tipos de abuso que permeiam a vida das crianças e adolescentes; eles são configurados como sexual, físico, psicológico e negligência. É importante destacar que o abuso sexual ocorre frequentemente na comunidade infantil negra e de classe social baixa. Isso acontece devido ao conjunto de interseccionalidades que estão inseridas, pela vulnerabilidade, racismo e preconceito.

Ao adentrarmos no contexto do abuso sexual, é importante darmos ênfase no termo "família", que, do mesmo modo, o contexto intrafamiliar é um ambiente onde envolve, na maioria das vezes, situações de poder e hierarquia. Conforme Faleiros (2001) a escala hierárquica dentro da família está relacionada às questões de gêneros, pois o poder dentro da família, em geral, está relacionado ao homem, heterossexual, adulto, e, em segundo lugar, à mulher, e depois os filhos. Portanto, o contexto familiar não é um contexto tranquilo e, ao longo do tempo, as intervenções têm sido realizadas dentro da família

> É impossível falar do tema da violência sexual sem nos referirmos à família, cuja configuração vem sofrendo mudanças rápidas no mundo contemporâneo, inserida que está no contexto e no processo histórico, ou seja nas complexas relações econômicas, políticas, sociais e culturais, incluindo as de etnia, raça e gênero (Faleiros, 2001, p.65).

Dentro dessas questões intrafamiliares, as relações de poder são muito marcante, e muitas vezes esse lugar de poder ocupado pelo sexo masculino: pai/padrasto, tio, avô e irmão, que exerce a função de dominadores sobre o dominado, que neste caso é a criança, que não tem poder sobre o sujeito dominador. Com isso, esses dominadores têm se mostrado no papel de abusadores, que, em relação intrafamiliar, seriam os que deveriam demonstrar segurança e proteção, mas acabam usufruindo de seus privilégios e se tornando agressores. De acordo com Faleiros (2001, p.71) "é relativamente rara a violência sexual ser exercida por desconhecidos e é muito mais praticada contra mulheres, envolvendo uma questão de gênero."

Frequentemente, conforme Faleiros (2001), os abusos sexuais estão relacionados às questões de segredo de família e poder. Os maus tratos físicos são exercidos frequentemente pelas mães sobre os filhos e os abusos sexuais são mais presentes por parte dos pais/padrastos, avós, tios, irmãos e parentes próximos. E consequentemente, essa relação de poder dentro do contexto intrafamiliar é exercida sobre o corpo e a mente das vítimas, que, segundo Faleiros (2001, p.72) "esta é submetida, pois não tem escolha, ao poder/prazer do mais forte e ao segredo sobre esta relação."

Este segredo da família está relacionado às questões econômicas, nas quais, muitas vezes, o dominador é o provedor da família, e a mulher/mãe, por muitas vezes, se torna cúmplice desse ato, justamente pela questão financeira. Elas têm um papel fundamental para o descobrimento dessa agressão dentro do contexto intrafamiliar, mas, sobretudo, são silenciadas por questões do poder do dominador. Quando o abuso é revelado dentro dessas famílias, segundo Faleiros (2001, p. 73) "no processo de revelação é que, vamos dizer assim, explode o pus da ferida, vem à tona a trama, desfaz-se o segredo, o abusador fica de vez sem autoridade moral, embora, em geral negue e renegue a realidade do abuso." Tornando assim, a narrativa da vítima invalidada.

Portanto, abuso sexual na infância é algo que deve ser tratado com muita importância e seriedade na sociedade. É preciso sabermos o que realmente é o abuso sexual e quais as consequências dessa contravenção na vida dessas pessoas abusadas sexualmente. É de extrema relevância que as famílias das vítimas estejam atentas a qualquer ação ou situação estranha que a criança/adolescente possa estar fazendo ou deixando de fazer, pois o abuso sexual pode ocorrer a qualquer momento, em qualquer família sem distinção de classe social, cultura, etnia e raça.

É notável que o abuso sexual não acontece somente em mulheres/meninas, mas também ocorre com meninos. Os abusadores, na maioria das vezes, quando a vítima ainda é criança, tentam ganhar a confiança da vítima e da família para ter acesso ao corpo dela. Na maior parte dos casos, o abusador pode ser da família, como parentes ou um amigo próximo, e isso facilita ainda mais o acesso para esses agressores. Ameaçar a criança para que ela não relate o ocorrido a ninguém é uma das manipulações psicológicas que os molestadores usam para não serem descobertos.

Por conseguinte, esses abusos, quando acontecem no ambiente doméstico, não são praticados com brutalidade, mas ocorrem por etapas até que o molestador consiga o que quer, utilizando estratégias sedutoras, como presentes, agrados, carinhos, dinheiro etc. Estar a todo

momento atento aos comportamentos das crianças pode evitar diversos tipos de agressões. É importante apresentar uma rede de apoio confiável para que as crianças não tenham medo de expor a situação e se sintam confortáveis, sem deixá-las assustadas e com medo de serem oprimidas ou serem questionadas.

Em diálogo com Sanderson (2005, p.01) que afirma que "a maioria dos abusos sexuais implica uma lavagem cerebral sutil da criança, que é recompensada com agrados ou com mais amor e atenção ou, ainda, subordinada para se manter quieta." O medo de que algo a mais aconteça a vítima se cale, e o abusador impede que a criança não conte o ocorrido para seus familiares. Não raro, a criança acaba comentando com um colega ou até com uma professora de sua confiança. Portanto, é indispensável formar professores para que saibam lidar com essas situações com sabedoria e cuidado. Os abusos que são praticados diariamente com vítimas que não têm conhecimento sobre tal ato, acaba que essa situação se torna comum e aceitável na visão de quem é abusado.

O abuso contra crianças não é recente; ainda temos a cultura agressiva “é batendo que se aprende". Na antiguidade, as crianças que nasciam com "defeitos", como deficiência física, eram tratadas como uma maldição da família. Elas eram espancadas, torturadas e tinham seus direitos violados. Essas transgressões eram um efeito do poder do dominador sobre o dominado, sendo que, neste caso, a criança está na posição de dominado. Ao longo dos anos, isso foi mudando gradativamente, e essa cultura violenta foi se tornando mais branda, mas ainda existem famílias muito tradicionais onde a religiosidade, os costumes e as crenças perseveram, e muitas crianças são negligenciadas. É muito provável que, se uma criança teve uma infância violenta, ela passará isso para seus relacionamentos interpessoais. Quando isso acontece, o abuso sexual nessas famílias é ainda mais difícil de ser revelado, por medo e pela repressão por parte da família conservadora.

Não há um padrão específico para definir o abuso infantil, mas o abuso sexual integra quatro tipos de abuso: abuso físico, abuso emocional, negligência e abuso sexual. Segundo a autora, “embora os quatros tipos de abuso sejam considerados categorias bem distintas, é possível argumentar que eles podem se sobrepor e que uma criança pode sofrer qualquer um desses abusos, alguns deles ou todos eles” (Sanderson, 2006, p.5).

Vale ressaltar que, embora todas as violências sejam prejudiciais para quem sofre, porém, o que mais pode afetar o desenvolvimento social da criança é o emocional/psicológico, pois é nele que todos os sentimentos se manifestam de todas as formas, principalmente os traumas, medos e inseguranças que são criados ao longo das fases

do seu crescimento pessoal. De acordo com a autora Sanderson (2006, p.168) “o abuso sexual em crianças tem um imenso impacto tanto a curto prazo quanto a longo prazo. Ele não apenas causa dano no seu corpo, ele também causa dano na sua mente. É isso que de fato detona.”

Os abusos sexuais infantis estão sendo divulgados com frequência nas mídias e ganhando mais notoriedade. Crianças estão sendo raptadas, estupradas e mortas pelos agressores. Esses casos têm grande repercussão, mas ainda existe uma parcela muito grande de crianças que são violentadas diariamente e que não são divulgadas, devido ao grau de vulnerabilidade, não há um amparo suficiente da justiça, do governo e da sociedade.

De acordo com Sanderson [9](2005) que dialoga em seu livro que existem abusos contra crianças sem e com contato físico. Dentro do abuso sexual sem contato físico, destacamos o uso de imagens pornográficas, a insistência para que a criança use roupas sedutoras para satisfazer os desejos do abusador, observar a criança enquanto realiza suas necessidades fisiológicas, como, por exemplo, usar o banheiro, e o uso da criança para fazer conteúdos pornográficos. Todas essas são ações envolve abusos sem contato físico contra a criança, mas que, de toda forma, configuram violências socioemocionais e deixam marcas ou cicatrizes profundas. A autora cita vários exemplos de abusos, tanto sem quanto com contato físico, evidenciando que o abuso com contato físico é aquele em que toda a ação envolve o contato com o corpo da criança.

Portanto, os estudos apontam que, quando se trata de crianças negras e empobrecidas, a vulnerabilidade as colocam em situações de “presa fácil”, aumentando ainda mais os riscos de violências em todos os níveis. O racismo estrutural e institucional contribui para que essas crianças tenham mais vulnerabilidade no contexto social, pois ele estão enraizado e isso afeta as relações econômicas da família, que dificultando o acesso aos seus direitos e, com isso, expõe muitas vezes a criança ao trabalho infantil, à exploração e à vulnerabilidade.

O termo “presa fácil” a que nos referimos acima está relacionado ao contexto de falta dos direitos básicos para sobrevivência. Consequentemente, essas crianças estão expostas ao tráfico humano e à exploração sexual. Sobretudo, sem o apoio de aparelhos estatais, elas são colocadas em situações vulneráveis e sem a proteção adequada. Estão expostas a predadores que frequentemente oferecem benefícios e agrados para poder manipulá-las e, ao conquistar sua confiança, aproveitam de suas inocências violando seus corpos.

[9] SANDERSON, Christiane. Abuso Sexual em Crianças: Fortalecendo Pais e Professores para Proteger Crianças Contra Abusos Sexuais e Pedofilia. 1. ed. São Paulo. M.Books do Brasil Editora Ltda. 2005.

2.4 Impactos do abuso sexual na vida de mulheres negras no município de Arraias -TO.

> *Eu podia ter o conhecimento e não ter a coragem. Quando você é mulher negra, é preciso ter os dois.*
>
> Djamila Ribeiro (2023)

Djamila Ribeiro Mulher negra, filósofa brasileira, professora e uma das principais influenciadoras no combate ao racismo, estando à frente das lutas feministas e a desconstrução do patriarcado que tanto assola, assusta, silencia e oprime grupos interseccionados. Ela nos provoca a pensar que além do conhecimento que dá propriedade na fala, as mulheres negras necessitam romper com o silêncio, tomar consciência, agir ocupando lugares de supremacia branca construídas historicamente.

Considerando os dados do Censo 2022, a população de Arraias TO era de aproximadamente 10.287 habitantes. Dentre eles, 3.571 se autodeclaram negros e 5.800 se consideram pardas, representando mais de 90% da população autodeclarada negra. Além disso, considerando esse quantitativo de pessoas representado pela pesquisa do censo 2022, cerca de 48,7% das pessoas residentes em Arraias são do sexo feminino, totalizando aproximadamente 5.011 mulheres. O número representativo de pessoas quilombolas é cerca de 1.572, aproximadamente 15,3% da população arraiana se autodeclara quilombola. A partir desse quantitativo, 768 é o representativo de mulheres que se autodeclaram quilombolas, portanto, o número de pessoas quilombolas no município de Arraias-TO é um número significativo, e esse quantitativo é representado por homens e mulheres. Com base nesses dados, percebemos que a população arraiana é, predominantemente constituída por pessoas negras e, um percentual significativo dessas pessoas é representado pelas mulheres, embora o número de homens ainda seja superior.

Com o passado marcante e escravocrata na cidade, a objetificação e sexualização dos corpos femininos interferiram na vida de várias mulheres negras. Por ser uma cidade onde o patriarcado ainda é visível, os cargos de poder também são compostos majoritariamente por pessoas brancas que, de algum modo, pertencem a famílias de grandes nomes. Essas famílias, que há muito tempo governam a cidade, são vistas, aos olhos de quem não compreende a hierarquia impregnada desde a construção da cidade, como generosas, fazendo com que esses efeitos passem despercebidos.

Portanto, serviços como os domésticos, eram e ainda são designados às mulheres negras, muitas vezes advindas de comunidades quilombolas com o intuito de mudar e

procurar perspectivas de vida melhor. Frequentemente, vinham de famílias empobrecidas. Ainda muito jovens, saíam de suas famílias, consequentemente, iam trabalhar nas casas das grandes famílias que constituíam a cidade de Arraias. Gebara (2022, p.30) “as estruturas patriarcais excludentes ficarão de pé ainda por muito tempo, se não ouvirmos o latejo incessante de nosso coração e os lamentos de tantas mulheres e crianças violentadas.” Por muito tempo, foram silenciadas e oprimidas pela sociedade machista e racista; inúmeras mulheres e crianças sofreram violências e, em decorrência dessa sociedade opressora, essas violências foram anuladas.

De acordo com o panorama da violência letal sexual contra a crianças e adolescentes no Brasil (2021, p.10) “entre as vítimas de estupro, 86% das vítimas são do sexo feminino e 14% do sexo masculino. E a divisão por raça/cor é de 55% das vítimas brancas, 44% negras e 0,6% ‘outras’.” Esse percentual evidencia a vulnerabilidade das meninas em relação à violência sexual, destacando ainda a desigualdade de gênero, machismos e racismo estrutural que contribui para a perpetuação dessas violências.

Conforme Aguiar (2007, p.87), “a mulher negra no Brasil é discriminada duas vezes: por ser mulher e por ser negra.” Pelos diversos grupos de opressão nos quais uma mulher negra está inserida, a desigualdade e a pobreza fazem com que essas mulheres estejam mais vulneráveis a sofrer violências. Ao estarem dentro de uma casa de uma família de poder, a exploração sexual dessas mulheres e meninas era naturalizada. Quando engravidavam, eram mandadas de volta para suas famílias como se fossem objetos ou mercadorias, e, consequentemente, tinham suas infâncias/juventudes violadas e interrompidas. Com os entendimentos e estudos de hoje, percebemos o quanto de meninas foram abusadas sexualmente na infância e que, de algum modo, só perceberam quando estavam em fase adulta.

Por outro lado, quando o abuso ocorre dentro do contexto familiar, envolve muitos aspectos importantes relacionados aos familiares das vítimas, como questões de vulnerabilidade, pobreza, dependência econômica, dependência emocional e religiosidade. Segundo Faleiros (2001), a família foi vista por muito tempo como um lugar de não-cidadania, um lugar onde o poder público não tem poder, mas existe um poder privado, o poder do homem, o provedor. Por ser uma cidade do interior, o abuso de poder ocorre com frequência; nesses casos, os corpos de mulheres negras são utilizados para satisfazer desejos carnais. Além disso, por serem negras, sofrem ainda com os efeitos do machismo, racismo e

misoginia[10] que estão ligados a atitudes violentas e hostis (Borges, 2020). Consequentemente, isso as deixa mais vulneráveis à exploração e abusos sexuais.

Outra questão relevante é que as famílias empobrecidas constituem uma grande parte da população arraiana. Por falta de oportunidades, elas também se encaixam no grupo de vulnerabilidade. O racismo estrutural que permeia a estrutura do Brasil como um todo afeta principalmente as cidades do interior, pois há um indício do patriarcado ainda muito forte. Almeida (2019) dialoga que o racismo estrutural é algo que está enraizado na estrutura social constituída pela população branca. Desde a colonização, isso constitui conflitos entre classes e raças. Além disso, são práticas discriminatórias que perpetuam uma certa comunidade. Consequentemente, há uma ausência do poder público para garantir a segurança e os direitos dessas mulheres e crianças.

Os impactos do abuso sexual nas vidas de mulheres negras são irreparáveis e profundos. É perceptível que, diante das respostas das entrevistadas, ainda há alguma emoção não superada. Conforme destacou uma das entrevistadas: *"Qualquer toque físico com homem já me deixa desconfortável e não crio muita segurança no gênero masculino"* (Lírio). Esse relato evidencia que há muitos traumas psicológicos e os gatilhos que esse ato provocou, e que, de algum modo, ainda provoca na vida de quem é violado, comprometendo de sobremaneira suas relações futuras.

Por conseguinte, essa transgressão impacta diretamente a vida das mulheres como um todo; esse ato carrega consigo uma tonelada de traumas e sentimentos individuais e coletivos. Dentre esses traumas, conforme podemos observar na fala da entrevistada, ainda há uma carga de sentimentos significativos que, neste caso, nos faz refletir sobre os traumas psicológicos que afetam a psique das vítimas. Conforme podemos observar, uma das entrevistadas diz: *"A partir desse episódio, comecei a ter crises de ansiedade, tive nojo, vergonha, sentimento de fracasso"* (Rosa).

Nojo, vergonha, raiva e ansiedade são sentimentos que estão presentes nas falas de inúmeras mulheres abusadas sexualmente. São cargas que, por mais que o tempo passe, são difíceis de apagar da memória e, em sequelas, afetam diretamente a construção da sua personalidade social, inseguranças e comportamentos diários. Portanto, sofrem problemas como insônia, mudança de humor, depressão, ansiedade, perda de peso, baixa autoestima, dificuldade em se relacionar com pessoas do sexo oposto e outros inúmeros problemas que essa transgressão violenta carrega consigo.

[10] A misoginia estaria ligada mais ligada ao ódio à mulher, como o termo sugere, a atitudes hostis e por vezes violentas em relação a elas. (Borge, 2020, p.50)

2.5 O papel da educação na reflexão acerca da prevenção de abusos sexuais

> *Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?*
>
> Paulo Freire (2011)

É impossível falarmos sobre o abuso sexual infantil sem adentrarmos nos processos educacionais com todos os seus desdobramentos. Como à educação pode contribuir para a diminuição do abuso sexual infantil e suas consequências? Por meio da educação preventiva e formativa para crianças e adolescentes, que contribui para a prevenção de abusos sexuais, gravidez precoce, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a capacitação para lidar com situações que envolvem questões relacionadas principalmente à criança e o adolescente de sobremaneira que são os mais vulneráveis.

A educação sexual é um assunto polêmico, complexo e que gera diversas opiniões a respeito de sua abordagem no espaço escolar. Para alguns, principalmente para os conservadores de extrema direita, a educação sexual é voltada para ensinar e estimular a praticar de sexo, mas isso é totalmente o oposto do que é realmente a educação sexual nas escolas. Este tema é fundamental para a prevenção dos abusos sexuais na infância, contribuindo principalmente para o conhecimento sobre seus corpos, limites e consentimento. Conforme destacado por Pinheiro et al. (2020, p.10), "o abuso sexual em si há muito tempo esteve esculturado/esculpido como um tabu onde muito acontecia e pouco se falava e combatia."

Portanto, ao falarmos em educação sexual, é importante mencionar a formação de educadores e profissionais nas inúmeras áreas, a concentração da comunidade escolar e da população, nos espaços de acolhimento para sobreviventes, na educação sexual,e nos preparos para o reconhecimento da importância e outras inúmeras possibilidades que a educação pode proporcionar para a contribuição da diminuição dessa transgressão na vida de quem é abusado. Conforme os parâmetros curriculares sobre orientação sexual (2017), os educadores precisam ter acesso a informações específicas e formação adequada para trabalhar questões sexuais com os educandos, adotando uma postura profissional e respeitosa.

A formação de educadores é indispensável para a prevenção dos abusos na infância. Considerando que a maior parte da vida da criança é vivida dentro do ambiente escolar, é importante que os educadores estejam preparados e capacitados para lidar com qualquer

situação que envolvam comportamentos específicos de algum abuso e violência. São nessas fases escolares que as crianças e adolescentes apresentam sinais de violência, irritabilidade e comportamentos suspeitos de abusos, podendo haver a revelação dentro do ambiente escolar. De acordo com os parâmetros curriculares sobre orientação sexual (2017, p. 302), "os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador."

O ambiente escolar precisa ser um lugar acolhedor, e o educador, um profissional que transmite segurança, pois, em casos sensíveis como os de abusos e violência, a vítima precisa de um lugar e de pessoas acolhedoras. Além de sofrer essa transgressão, ainda vivencia momentos de julgamento em uma sociedade ainda muito opressora, conservadora e religiosa. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei N° 8069 de 1990, no art.4, "nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais."

Nos descritos da Lei, observamos que a criança e o adolescente deveriam ser "amparados", mas a realidade é totalmente ao contrário: são inúmeras crianças e adolescentes violados diariamente, sendo expostos às violências. De acordo com o panorama da violência letal sexual contra a crianças e adolescentes no brasil (2021, p.10) "os estudos identificou 34.918 mortes violentas intencionais de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade entre 2016 e 2020; e 179.277 crimes de estupro e estupro de vulnerável de vítimas da mesma faixa etária entre 2017 e 2020." Desse modo, as crianças e adolescentes acabam sendo negligenciadas, oprimidas, violadas, silenciadas da pior forma, e cabe à sociedade, à família, ao poder público e à educação como um todo acolher e quebrar com estigma que rodeiam as vidas de quem é abusado, violentado, oprimido, e desonrado. É relevante destacar que de acordo com a Lei N° 8069 de 1990, é considerado crianças pessoas de até 12 anos incompletos e adolescentes de 12 a 18 anos.

Considerando que, antes da criança entrar na escola, os pais e responsáveis são os primeiros a ensinar, é fundamental que a educação preventiva e a educação sexual sejam introduzidas desde a infância. No entanto, dentro do contexto familiar, há um estigma que rodeia o assunto educação sexual. Isso pode ocorrer talvez por medo de não saberem lidar com a situação, por falta de instrução ou por ambas as razões. De acordo com os parâmetros curriculares sobre orientação sexual (2017, p. 304) "o diálogo entre a escola e as famílias,

pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de idéias entre esta e as famílias.” Ao entrarem na escola, cabe ao corpo docente trabalhar essas questões e, principalmente, reforçar o currículo para que essas questões sejam abordadas dentro da sala de aula, minimizando o problema sobre essa temática que tanto causa impactos e estigma negativo.

A educação é um dos meios mais relevantes para a prevenção desses abusos. A educação transforma, liberta, empodera, permite que as vítimas denunciem, conscientiza a sociedade, promovendo uma cultura de respeito e acolhimento, dando vozes aos oprimidos. Ninguém melhor que os que sofreram e sofrem na pele todos os dias para nos dizer os efeitos do sistema de opressão. Dessa forma, os educadores devem ter uma postura profissional sem deixar questões religiosas, senso comum interferirem nessa educação

> Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada (Brasil, 2017, p. 303).

Sendo assim, dentro do ambiente escolar, a formação do docente deve ser de preparo e capacitação para esse tipo de situação, pois é um assunto delicado e que exige cautela. Formar educadores com o olhar sensível e escuta qualificada para a diminuição e a prevenção dessas violências é essencial para que conscientize a sociedade e prepare nossas crianças para enfrentar situações que envolvem abuso sexual, tomando ciência das devidas providências e encaminhamentos necessários.

> O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. A única exceção refere-se às situações em que haja violação dos direitos das crianças e dos jovens (Brasil, 2017, p.305).

É um trabalho em conjunto onde instituições públicas e privadas atuam juntas para diminuir essa transgressão, podendo sensibilizar a sociedade por meio de palestras e seminários mediados por essas instituições, que têm papel fundamental para esse processo de libertação e reflexão. Além disso, influenciam a sociedade a repensar que seu papel no acolhimento desses vulneráveis, é importante. Desse modo, essas práticas desenvolvidas por essas instituições ensinam maneiras de prevenir e a denunciar. Através da educação e desses atos, é indispensável reconhecer a importância de desconstruir e romper com a estrutura do patriarcado como pensamentos machistas, misóginos, estigmas e reprodução de comportamentos opressores.

Portanto, este trabalho de pesquisa traz apontamentos sobre as ausências de acolhimento que, consequentemente, moldam mulheres inseguras e com traumas que as paralisam e afetam, de certa maneira, suas vidas. De acordo com uma das entrevistadas: *"na educação básica não encontrei ajuda, ninguém se importou com os sinais que eu apresentava, mas no ensino superior fui incentivada de forma indireta, mas que considero libertador."* (Rosa). No ensino superior, é comum chegar com um pensamento formado e cheios de estigmas, mas, no processo de formação, a construção do pensamento crítico e reflexivo é fundamental para essa libertação.

Em outro momento, outra entrevistada diz: *"Acredito que a educação fortalece, emancipa e empodera as mulheres, pelo fato de que elas vão se encontrar e vão se fortalecendo."* (Margarida). Nesse sentido, compreendemos que o empoderamento estimula as mulheres e as encoraja a quebrar o silêncio e a tomar a iniciativa de denunciarem e compartilharem seus relatos, dando-lhes forças e coragem para enfrentarem seus traumas e se libertarem.

Portanto, o acesso à informação e o acolhimento são momentos cruciais para amparar as vítimas das inúmeras violências, pois, nas palavras de Paulo Freire (2011, p. 43), "quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora?" Em outras palavras, Freire nos provoca a pensar que a carga emocional que o oprimido carrega de uma opressão somente ele poderá expressar e construir um caminho de libertação, reflexão-ação. Pois, segundo o pensamento freireano, quando a educação não é libertadora nem emancipadora, o sonho do oprimido é virar o opressor, (Freire, 2011).

3. METODOLOGIA

> *Embora a experiência possa ser a mesma para vários indivíduos (irmãos numa mesma família, pessoas que presenciam um fato, por exemplo) a vivência de cada um sobre o mesmo episódio é única e depende de sua personalidade, de sua biografia e de sua participação na história.*
>
> Minayo (2012)

Este trabalho é fruto das vivências, experiências e das inquietações da pesquisadora, que se configura como uma pesquisa investigativa social de caráter qualitativo, pois envolve uma investigação minuciosamente cautelosa por estar trabalhando com um assunto que provavelmente ainda mexe com muitas mulheres negras arraianas. A princípio, conversamos com várias mulheres do nosso cotidiano e percebemos que este era um assunto que atravessava a vida de grande parte delas, mas que nem todas se sentiam à vontade para falar

sobre o assunto, por se tratar de algo que ainda machuca e sangra, algumas preferem não tocar. Por isso, compreendemos que era um assunto relevante, mas que deveríamos ter cautela.

Optamos por coletar informações por meio de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, devido à dificuldade de encontros presenciais, bem como à impossibilidade e às dificuldades encontradas para que essas mulheres falassem abertamente sobre as ocorrências dos fatos relativos ao abuso na infância. Pensando assim, e para o conforto de todas elas, optamos por utilizar um questionário online como técnica e método de coleta de informações. Severino (2007) argumenta que o questionário é um conjunto de questões articuladas que tem como objetivo o levantamento de hipóteses e informações, com o intuito de filtrar as informações de outras pessoas sobre um determinado assunto.

No livro de Antônio Joaquim Severino, ele destaca quatro principais características qualitativas de um trabalho científico, que devemos refletir: que seja pessoal, autônomo, criativo e rigoroso. Nesta pesquisa, refere-se muito à característica pessoal, autoral e com rigor acadêmico. Conforme o autor

> Trabalho pessoal no sentido em que ‘qualquer pesquisa, em qual- quer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida’; a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito (Severino, 2007, p.214).

Nessa perspectiva, trabalhamos com uma pesquisa científica que se preocupa com o envolvimento da pesquisadora com o assunto tratado e que, todavia, traz características com o merecido rigor acadêmico, pois não há espaço para suposições ou espontaneidade, mas valoriza a disciplina aplicada para construir este trabalho. Além de investigar e coletar informações relevantes, tivemos o envolvimento e o compromisso de revelar a realidade dessas mulheres.

Em relação às entrevistas estruturadas, Antônio Joaquim Severino, em seu livro “Metodologia do Trabalho Científico”, nos aponta que:

> Entrevistas estruturadas são aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais. (Severino, 2013, p.97).

Para tanto, dialogamos com a autora Minayo (2011), que apresenta em seu artigo a importância de compreender e de nos colocarmos no lugar do outro enquanto pesquisadores,

pois a pesquisa qualitativa traz a necessidade de vivenciar a experiência, e cada indivíduo tem suas diferenças. Conforme a autora:

> O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere (Minayo, 2011, p.623).

Por ser um grupo específico, trabalhamos na perspectiva da pesquisa participante, que visa a participação do pesquisador com os sujeitos pesquisados, havendo a interação conjunta sobre uma análise temática, que neste caso está relacionado às consequências da exploração sexual infantil na vida de mulheres negras no município de Arraias-TO. Sobretudo, investigando problemas reais, interagindo com as situações ocorridas na vida das pesquisadas. Dialogamos com Severino, que afirma que pesquisa participante

> É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação. (Severino, 2007, p. 93).

A pesquisa também se direciona ao conceito de pesquisa bibliográfica, pois utilizamos autores que contribuíram para a construção da base teórica deste trabalho, alimentando ideias e proporcionando um melhor entendimento das questões abordadas pela autora. No entendimento do autor GIL (2002), "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos."

3.1 Percurso metodológico

Primeiramente, selecionamos mulheres com idade entre 15 e 30 anos e, a partir de uma breve conversa, identificamos aquelas que tinham sofrido abuso sexual no passado para, assim, nortear os passos das entrevistas. Com as perguntas já formuladas e abertas a modificações, marcamos um encontro com as entrevistadas individualmente, pois a identidade delas não seriam reveladas; somente os relatos seriam publicados. Infelizmente, houve resistência, e elas não se sentiram à vontade para realizar as entrevistas pessoalmente, pois acreditamos que se esquivaram para que suas feridas não fossem expostas.

Partimos para a segunda opção, que foi mais viável, ou seja, a realização do questionário online com perguntas estruturadas e semi-estruturadas, a fim de responder nossos

objetivos propostos. Nessa tentativa, compartilhamos em grupos de whatsapp e enviamos para amigas, conhecidas e estudantes, e obtivemos seis respostas de seis mulheres com faixas etárias diferentes. Com o recorte de idade que mencionamos anteriormente, percebemos que houve uma entrevistada com a idade de 57 anos, que ultrapassou a expectativa do recorte de idade de mulheres até 30 anos.

Ao realizar todas as entrevistas, comparamos os relatos uns com os outros para identificar se há semelhanças nos casos ocorridos. A partir de então, planejamos a melhor forma de escrita desses relatos, para que não ocorra a possibilidade de exposição das entrevistadas. Tudo ocorreu no anonimato, respeitando os direitos e princípios éticos de cada uma delas, e há um nome fictício para cada uma delas.

3.2 Sujeitas pesquisadas

Foram coletadas 6 respostas de 6 mulheres, das quais 5 delas residem atualmente em Arraias-TO e 1 no Estado de Goiás. Nos quesitos de faixa etária, tem entre 16 e 57 anos, e as idades de quando ocorreram os abusos variam entre 8 e 12 anos. Para preservar a identidade das mesmas, utilizamos nomes de flores para representar cada uma delas, já que as flores ficam expostas o tempo inteiro, são belas, sensíveis e, da maneira como são vistas e tratadas, podem ter maior ou menor durabilidade e beleza, bem como podem enfeitar ou representar a vida ou a morte.

Por isso, nossas entrevistadas foram respeitosamente e carinhosamente homenageadas com nome de flores: **Violeta, Rosa, Camélia, Margarida, Dalila** e **Lírio**.

Tabela 1: Características das respondentes

Pesquisadas	**Nome de flor**	**Significados**
1	Violeta	Modéstia, humildade, lealdade e fidelidade.
2	Rosa	Amor, paixão, beleza e gratidão.
3	Camélia	Admiração, perfeição e graça.
4	Margarida	Pureza, inocência, simplicidade e alegria.
5	Dalila	Dignidade, elegância, compromisso e mudança.

Pesquisadas	Nome de flor	Significados
6	Lírio	Pureza, beleza e renovação.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Faixa etária

Pesquisadas	Nomes	Idade
1	Violeta	16
2	Rosa	28
3	Camélia	26
4	Margarida	57
5	Dalila	24
6	Lírio	18

Fontes: Elaboração própria

Tabela 03: Idade em que ocorreu o abuso na vida das entrevistadas

Nomes	Idade
Violeta	10
Rosa	11
Camélia	9
Margarida	7
Dalila	8
Lírio	12

Fonte: Elaboração própria

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essas tabelas apresentam as respostas das entrevistadas obtidas a partir de 15 perguntas elaboradas no questionário online, e que de alguma forma, correspondem às nossas expectativas da pesquisa.

Tabela 04: Como foi a experiência do abuso sofrido na infância?

Nomes	**Respostas**
Violeta	A experiência foi péssima, eu me sentia no lixo, ficava deprimida com aquilo, e pensando naquilo. É uma sensação muito ruim, que ninguém merece passar por isso.
Rosa	A partir desse episódio, comecei a ter crises de ansiedade, tive nojo, vergonha, sentimento de fracasso.
Camélia	Foi uma sensação perturbadora.
Margarida	Foi causada pelo meu padrinho. Ele era muito carinhoso comigo, sempre me presenteava com doces e balinhas e eu tinha medo de falar pra alguém e também me sentia culpada, porque aceitava os presentes e agrados dele. Só muito mais tarde que tomei consciência que aquilo era abuso sexual infantil e outras meninas da minha família também foram vítimas dos abusos dele.
Dalila	Eu não soube lidar, não tinha muita noção do que havia acontecido, mas sabia que era errado e não era algo normal. Não consegui contar nada pra ninguém e lidei com tudo sozinha. Perdendo noites de sono, não comia.
Lírio	Acordei com o abusador com boca nos meus seios, me senti diretamente invadida, comecei a gritar e chamei minha mãe, porém, no momento ela não falou nada.

Tabela 05: As memórias voltaram? Como lidaram com elas?

Nomes	**Respostas**
Violeta	Sim, as vezes fico lembrando. Mas lembro que cada dia vai ser melhor pra mim me acostumar com isso.
Rosa	Já fiz tratamento psicológico, mas não adiantou. Tenho pesadelos praticamente todos os dias, sonho com ele me matando ou matando alguém

	que eu amo. Tomo medicamentos para ansiedade e depressão moderada, quando tenho crises, nem o Diazepam me faz dormir.
Camélia	Sim, hoje estou mais tranquila. Mas na época eu morria de medo de ficar sozinha
Margarida	Sim. Sempre voltam. Às vezes quando estou em ambientes fechados na presença de homens em que me vejo sozinha, ou quando entro em banheiros públicos ou de beira de estrada, sempre vem os gatilhos da lembrança. Meu coração dispara e eu entro em pânico.
Dalila	Sempre voltam, tenho crises de ansiedade, e às vezes não consigo dormir. Mas faço uso de medicamentos para ansiedade e depressão que me possibilitam passar por isso de uma forma menos dolorosa.
Lírio	Sim, melhorou bastante, mas antes acontecia frequência, tento me distrair e pensar positivo.

Tabela 06: Buscaram ajuda profissional?

Nomes	**Respostas**
Violeta	Sim, já busquei ajuda, porque ninguém merece passar por isso, temos que dizer não ao abuso.
Rosa	Sim, mas no meu caso não resolveu. Uso medicamentos para ajudar. Porque já não aguentava mais tanto sofrimento, angústia.
Camélia	Não, por medo.
Margarida	Não. Porque na época ninguém falava disso. Era um assunto proibido na minha casa.
Dalila	Sim, mas não tive tanto apoio
Lírio	Não, porque é delicado voltar nesse assunto e falar sobre o passado não vai mudar o que aconteceu.

Tabela 07: Houve tentativas do agressor de manter segredo ou manipular para não relatar a ninguém?

Nomes	**Respostas**
Violeta	Sim, ele tampou minha boca pra eu não dizer a ninguém.
Rosa	Sim, primeiro tentou ganhar minha confiança, me dando presentes, depois começou as ameaças.
Camélia	Não, mas na hora tentaram tapar minha boca e conseguir gritar
Margarida	Sim. Primeiro ele era um grande opressor, eu tinha medo dele e depois por outro lado, ele me agradava e dava presentinhos que toda criança gosta.
Dalila	Não, o mesmo faleceu.
Lírio	Não, mas minha mãe fingiu que não aconteceu nada e falou que eu menti.

Tabela 08: Como diriam que a experiência do abuso influenciou sua trajetória pessoal e profissional?

Nomes	**Respostas**
Violeta	Eu diria que sim , que às vezes fico relembrando momentos passados, e não aceito ninguém me tocar mais, me sinto insegura de me relacionar.
Rosa	Não sei me expressar, penso que tudo que eu falo as pessoas não acreditam, tenho dependência emocional, não consigo lidar com tristeza, logo já tenho crises, não sei me sociar com as pessoas, fico presa em mundo somente meu.
Camélia	Medo de ficar perto de homens que de uma certa forma querem ter relações mesmo dizendo não.
Margarida	Adquirir muitos medos e inseguranças. Criei pavor de um tipo de homem que se assemelha ao biotipo desse que foi meu agressor.
Dalila	Me tornei uma pessoa menos interativa, com muito medo de conviver com outras pessoas, medo de julgamentos, e evitei vários lugares e pessoas por medo do quê poderia acontecer.
Lírio	Com os olhos de hoje, qualquer toque físico com homem já me deixa desconfortável e não crio muita segurança no gênero masculino, os olhares da rua me incomodam bastante.

Tabela 09: De que forma acreditam que a educação pode ajudar mulheres que sofreram abuso sexual na infância a lidar com os impactos dessa experiência e encontrar caminhos para superação?

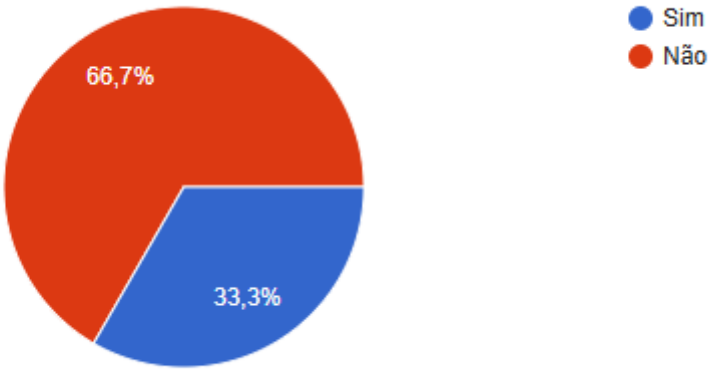
Nomes	**Respostas**
Violeta	As mulheres não podem ter medo de enfrentar abusos , tem e denúncia para não acontecer com mais crianças adolescentes, ou mulheres, qualquer pessoa tem q dizer não o abuso.
Rosa	Na educação básica não encontrei ajuda, ninguém se importou com os sinais que eu apresentava, mas no ensino superior fui incentivada de forma indireta, mas que considero libertador.
Camélia	Acolhimento
Margarida	Acredito que a educação fortalece, emancipa e empodera as mulheres , pelo fato de que elas vão se encontrar e vão se fortalecendo.
Dalila	Com a orientação do que fazer tanto quanto no momento em que acontecer e também depois do ocorrido, tendo uma noção básica poderá ajudar nos meios de cuidados com a saúde e também com o psicológico. Tendo em vista que a culpa não é da vítima como o agressor e a sociedade faz parecer, mas sim do agressor. A educação poderá auxiliar na busca por justiça e pelos seus direitos.
Lírio	Seria de grande relevância tentar alertar as crianças desde de pequenas justamente com os pais sobre esse assunto, porque informar a criança é um grande passo mas já alerta os pais também ajuda. E a grande maioria dos abusos acontece dentro de casa e pelo gênero masculino assim como aconteceu comigo, e percebe os sinais dentro da escola. A escola tem que ser muito mais aprendizado pra vida do que matérias e cálculos. E no começo da nossa vida e a maior parte do tempo que passamos na instituição então devemos proteger nossas crianças.

Tabela 10: Qual mensagem gostaria de deixar para outras mulheres que passaram por experiências semelhantes?

Nomes	**Respostas**
Violeta	Eu queria dizer que já passei por isso, nós mulheres não podemos deixar passar impune, disque e denuncie, não tenha medo, e diga sempre não aos abusos.
Rosa	Conversem, não guardem esse sentimento frustrante, escrevam suas histórias para incentivar outras mulheres. Talvez tenha outras mulheres esperando um incentivo, o silêncio não é uma saída, eu não denunciei e em todas as investigações eu neguei, mas escrevi tudo que passei e isso foi libertador, não sofra sozinha. Hoje estou em processo de reconstrução, não me considero forte, me considero corajosa, porque compartilhar nossas história de abuso sexual é um ato de coragem, principalmente porque vivemos em uma sociedade que vê esse problema como um tabu.
Camélia	Não é nossa culpa, denuncie para que não haja novas vítimas.
Margarida	Fale sobre o assunto com outras mulheres. Faça rede de proteção umas com as outras e principalmente DENUNCIE.
Dalila	A culpa não é da vítima, e mesmo que doa, busque ajuda profissional. Fale sobre o ocorrido. Guardar tudo pra si, vai te adoecer e te fazer criar uma falsa verdade sobre tudo, inclusive sobre você.
Lírio	Espero que lembre disso tudo, todas nós que passamos pela mesma coisa e rir e fingir nada aconteceu, mas não podemos mentir, nesse momento só resta ser forte e lutar, não conte para qualquer pessoa porque é assunto delicado e nem sempre todo mundo vê e sente o mesmo que agente passou. Para finalizar tudo na vida tem um motivo e claro que nada justifica e nenhuma mulher merece passar por isso tudo, mas isso me fortaleceu e me fez ser a mulher que sou hoje. Eles falam que a culpa é sempre nossa, é por causa da sua roupa, porque você é muito bonita ou porque você deu moral para ele “os homens não sabem se controlar ".E a culpa nunca é nossa e nem vai ser. Até quando os homens não vão ser responsabilizados pelos seus atos?

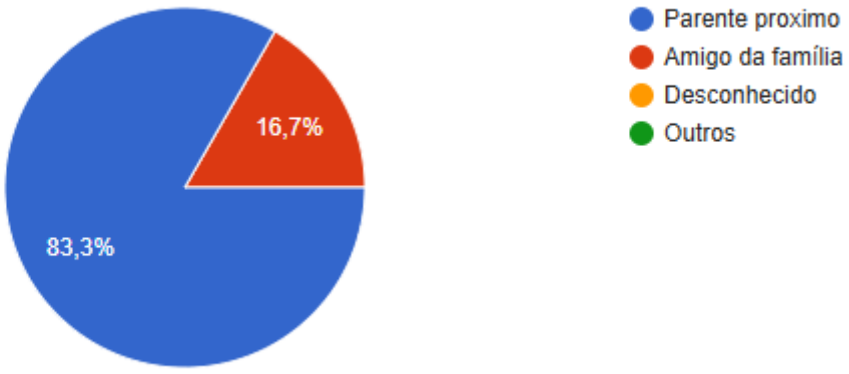
Abaixo apresentamos gráficos que são frutos das respostas estruturadas (fechadas) do questionário online, e que de alguma forma, correspondem às nossas expectativas da pesquisa.

Gráfico 01: Em algum momento da infância, tentaram contar para alguém o que aconteceu?



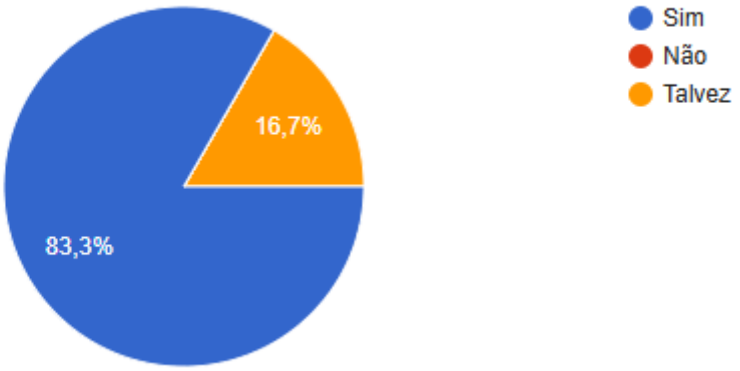
Observando o gráfico 01, percebemos que a maioria, neste caso, 66,7% das entrevistadas, não tentou contar para alguém o ocorrido, enquanto 33,3% contaram a alguém. Com base nas respostas anteriores, observamos que elas tinham medo de contar o que aconteceu, e muitos dos casos não foram compartilhados por causa do medo, da vergonha e da repressão por parte da família. Percebemos que o trauma sofrido na infância, além de tudo, faz com que essas mulheres ainda carregam as culpas que afetam de sobremaneira seus percursos.

Gráfico 02: Grau de parentesco ou proximidade do agressor?



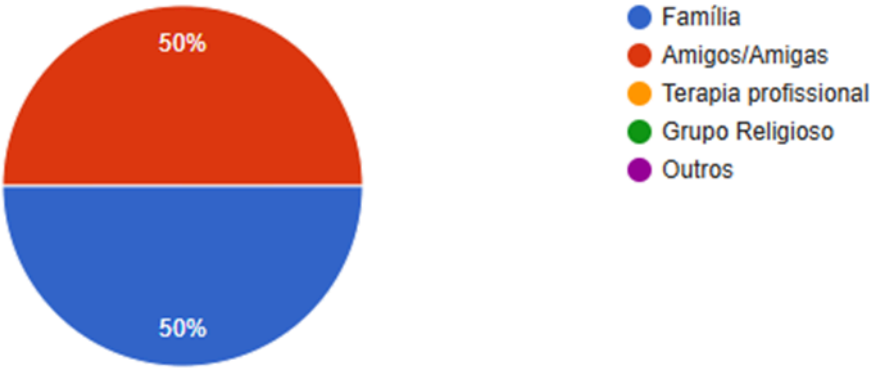
Analisando o gráfico 02, observamos que 83,3% são parentes próximos e 16,7% são amigos próximos da família. Portanto, esse resultado se assemelha ao cenário geral brasilerio de abuso sexual na infância. Nos dados do Disque 100 segundo a Agência Brasil (2019) “Os números mostram que mais de 70% dos casos de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes são praticados por pais, mães, padrastos ou outros parentes das vítimas.” O que agrava ainda mais os silenciamentos e pagamentos dessas mulheres.

Gráfico 03: Acreditam que o abuso sexual infantil afetou suas capacidades de construir relacionamentos interpessoais saudáveis na vida adulta?



O gráfico acima apresenta que 83,3% dos casos acreditam que o abuso sexual afetou suas as capacidades de construírem relacionamentos interpessoais, e 16,7% responderam que talvez isso tenham afetado. No artigo publicado na Revista FT, como observa Alves e Dimarães (2023) “O abuso sexual durante a infância pode deixar marcas profundas na psique de uma pessoa, afetando sua saúde mental, relacionamentos interpessoais e qualidade de vida geral.” Nos termos mais populares, “na psique” significa na mente, no espírito ou na alma. Baseando-se nas respostas das perguntas (abertas) das entrevistadas, é perceptível que ainda há um sentimento que as incomoda; em suas palavras, percebemos dor e sofrimento.

Gráfico 04: Houve momentos em que conseguiram ou tentaram buscar ajuda? De onde veio esse apoio (ex: família, amigos, terapia)?



O gráfico 04, observamos que 50% conseguiram ou tentaram buscar ajuda da família, enquanto os outros 50% tentaram ou buscaram ajuda de amigos e amigas. É indispensável pensar que receber o apoio de alguém nessa situação é fundamental para que não ocorram acontecimentos mais traumáticos na vida das vítimas e, portanto, quebrar esse silêncio que muitas vezes vem acompanhado de sentimentos de vergonha, culpa, medo e estigma. Quando buscamos apoio de quem realmente quer ajudar, podemos desmistificar a ideia de que a culpa é da vítima. Falar sobre o abuso nos permite sensibilizar e discutir sobre nossos limites e o respeito às nossas curvas.

Ao analisarmos as falas dessas mulheres, que, mesmo distantes umas das outras e sem conhecimento prévio, ou seja, elas responderam ao questionário em tempos e espaços distintos, observamos a incidência de palavras que as mesmas repetiram inúmeras vezes. Isso muito nos chamou atenção, e optamos por construir uma nuvem de palavras que explicite o sentimento de mulheres vítimas de abuso sexual na infância e seus afetos diários.

Imagem 01: Nuvem de palavras construída a partir do sentimento de mulheres vítimas de abuso se

Fonte: Elaboração própria

Essa nuvem de palavras tem como objetivo destacar os principais sentimentos que representam esta ação na vida dessas mulheres. São palavras que representam os sentimentos que as mulheres entrevistadas mencionaram em suas narrativas. São representações como o medo, que está centralizado e acentuado na imagem, refletindo o sentimento mais recorrente que ocorreram após a violência, além de influenciar o julgamento social e relações interpessoais. Logo após, aparece a depressão, a ansiedade e a insegurança, que refletem impactos permanentes e a longo prazo, prejudicando a saúde mental. O pavor, o nojo e a culpa estão relacionados ao medo constante de situações semelhantes e à internalização da culpa. Esses sentimentos, de algum modo, afetam a psique dessas mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *Quando as leis não preveem que as vítimas da discriminação racial podem ser mulheres e que as vítimas da discriminação de gênero podem ser mulheres negras, elas acabam não surtindo o efeito desejado e as mulheres ficam desprotegidas.*
>
> Crenshaw (2002)

Esta pesquisa, intitulada "As consequências do abuso sexual infantil na vida adulta: narrativas de mulheres negras arraianas", trouxe elementos para discutirmos e refletirmos acerca das questões de violência que atravessam a vida de mulheres negras em seus contextos socioculturais e como isso afetou e continua afetando de sobremaneira a vida das mulheres. Teve como problema de pesquisa: de que maneira o abuso sexual infantil afeta as vidas de mulheres negras arraianas em seus percursos de vida? Por meio de entrevistas obtidas por meio de questionários, todas as mulheres entrevistadas trouxeram em suas narrativas falas dolorosas e potentes que nos ajudaram a compreender o quanto os abusos na infância impactaram os seus percursos de vida em vários aspectos.

Na construção deste trabalho, evidenciamos que essa transgressão afeta diretamente a construção de relacionamento interpessoal, a dificuldade em criar laços afetivos e de confiança, bem como a saúde psíquica, que se desdobra e desencadeia em outras áreas, como educação, o percurso acadêmico e também no trabalho. Nas narrativas das entrevistadas, percebemos que o ato dessa violência vai muito além do abuso em si, que já é algo doloroso e difícil superar, mas atravessa principalmente as relações que são criadas e estão inseridas em um sistema de opressão e de constante interseccionalidade, onde a mulher é invisibilizada, objetificada, menosprezada, desqualificada e até mesmo diminuída em sua dor.

Portanto, essas mulheres são mulheres resistentes, que lutaram e continuam lutando por visibilidade, pela sua sobrevivência e (re) construção de suas vidas. Além disso, reforçam a importância de ocuparem espaços de fala e espaços na educação e nas áreas de conhecimento para ajudarem a construir redes de proteção e apoio a outras mulheres vítimas constantes do abuso sexual infantil, que muitas das vezes acontecem dentro de suas casas e com pessoas muito próximas da família.

A pesquisa também aponta para a importância de tratar esse assunto em família, e nos espaços da educação formal, para que sejam impedidas, reveladas, tratadas e resolvidas a tempo de não causar tantos danos à vida dessas meninas e mulheres. Outro aspecto relevante é que esse assunto seja pauta nos cursos de graduação, pós-graduação e principalmente nos cursos de licenciatura, para que se trabalhe na formação desses profissionais, para que possam orientar, palestrar, sensibilizar, dialogar questões relacionadas ao racismo, preconceito, às inúmeras violências e às ações dos direitos das mulheres e combate às violências.

Vale destacar a importância da formação docente como o sujeito da transformação, pois são em espaços como esse a escola, lugar onde se criam laços de confiança e afetos, muitas vezes é na escola que essas violências são reveladas e identificadas, cuidando para que sejam responsabilizados os autores desses cruéis atos de violência. Que todos e todas possam estar preparados/as para lidar com essa situação e serem agentes de mudanças, reforçando a importância de tornar essa transgressão um ato de urgência.

Portanto, esta pesquisa traz apontamentos importantes e necessários para o debate acerca da temática e não se encerra por aqui, mas abre caminhos para novas investigações, reflexões e estudos. Que os leitores possam ampliar suas consciências críticas e sua mentalidade a respeito da exploração sexual infantil, trabalhar em redes de proteção em seus coletivos, para melhor compreensão do universo feminino, combatendo todas as formas de violência em decorrência das desigualdades de gênero, para que todos e todas possam contribuir para o letramento racial e de gênero, na perspectiva da erradicação dessa transgressão, promovendo uma reparação histórica, bem como um futuro melhor e mais justo para homens e mulheres deste país que é tão plural.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Mais de 70% da violência sexual contra crianças ocorre dentro de casa. Agência Brasil** - Direitos Humanos, 18 maio de 2019. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-05/mais-de-70-da-violencia-sexual-contra-criancas-ocorre-dentro-de . Acesso em: 15 dez. 2024.

AGUIAR, Márcio. **A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade.** Cadernos de Pesquisa do CDHIS, 2007. Disponível em : https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/AGUIAR-%20MARCIO.%20A%20construcao%20das%20hierarquias%20sociais%20classe-%20raca-%20genero%20e%20etnicidade.pdf. Acesso em: 21 fev. 2025.

ALVES, Adelana; DIMARÃES, Carla. **O impacto do abuso sexual infantil na adolescência: Consequências emocionais e intervenções terapêuticas**. Revista FT, Rio de Janeiro, 04 de agosto de 2023. Disponível em: 2 Acesso em: 15 dez 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

BARUFE, Tainara Monteiro; PINHEIRO, Aline Muriel dos Santos; RODRIGUES, Fernando Aparecido; SANTOS, Joany Edith Santana; TURI, Nathalie Cristina. **Educação sexual como medida preventiva,2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Enfermagem)** - Etec Paulino Botelho, São Carlos, 2020.

BORGES, Maria de Lourdes Alves. **Mal e misoginia.** *Revista Ideação*, Feira de Santana, v. 42, p. 45-53, jul./dez. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022: resultados gerais da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 12 de dezembro de 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br. Acesso em: 28 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.970, de 17 de maio de 2000. **Institui o Dia Nacional de Luta contra a Violência à Mulher.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 maio de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9970.htm . Acesso em: 28 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: orientações**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf. Acesso em: 21 fev. 2025.

COELHO, E. C. **A criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade.** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 139 a 161, 1978. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/7458. Acesso em: 18 fev. 2025.

COSTA, Magda Suely Pereira**. Poder local em Tocantins: domínio e legitimidade em Arraias**. 2008. 298 f. Tese (Doutorado em Sociologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Revista Estudos Feministas,** n. 1, 2002. Publicado no Dossiê da III Conferência Mundial contra o Racismo (Durban, 2001), sob a coordenação de Luiza Bairros, Universidade Católica de Salvador.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. 1ª edição. Rio de janeiro: Editora Rosa dos tempos, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Abuso sexual de crianças e adolescentes: trama, drama e trauma**. Serviço Social e Saúde, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 65–82, 2005. DOI: 10.20396/sss.v2i1.8636441. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8636441 .Acesso em: 12 dez. 2024.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Brasília: UNICEF, 2021. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf. Acesso em: 21 fev. 2025.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do oprimido**/ Paulo Freire. 50 Ed. Rev. e atual. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos, 1946-**Como elaborar projetos de pesquisa**/Antonio Carlos Gil.-4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MINAYO, Maria Cecília. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. In: *Ciência & Saúde coletiva*, 17, p. 621- 626. Rio de Janeiro, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Notificações de violências sexuais contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021.** Boletim Epidemiológico, v. 54, Brasília, 28 fev. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08. Acesso em: 05 dez. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. 1 edição, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em Crianças: Fortalecendo Pais e Professores para Proteger Crianças Contra Abusos Sexuais e Pedofilia**. 1. ed. São Paulo. M.Books do Brasil Editora Ltda. 2005.

SANTOS, Tahinan. **As consequências da escravidão na história do negro no Brasil**. *Revista Diamantina Presença*, Itaberaba/BA, v.2, n°1, p.47-57, 2019.
SEVERINO, Antônio. Metodologia de trabalho científico. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Jéssica. **As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos.** Cadernos de Gênero e Diversidade, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, v. 02, 2016. Disponível em:https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025.

TOCANTINS. **Crianças e adolescentes representam pelo menos 63% das vítimas de estupros no Brasil.** Portal do Tocantins, 19 jan. 2025. Disponível em: https://www.to.gov.br/noticias/criancas-e-adolescentes-representam-pelo-menos-63-das-vitimas-de-estupros-no-brasil/pos7shwsnco . Acesso em: 21 jan. 2025.